

A MULHER BOLIVIANA EM SÃO PAULO: OPRESSÃO E IDENTIDADE¹

Marcela E. Matumoto Cosentino²

RESUMO: Partindo da definição de Cultura do Feminino, proposta por Marilou Manzini Covre, este texto tem como objetivo direcionar o olhar para a situação da mulher boliviana em São Paulo. Tendo como cenário a Praça Kantuta, observamos uma parte da vida destas mulheres e a partir disso tentamos compreender como elas utilizam a Cultura do Feminino como instrumento para alcançar a subjetividade e enfrentar o cotidiano de opressão.

PALAVRAS-CHAVE: mulher boliviana, cultura do feminino, imigração boliviana em São Paulo.

ABSTRACT: Starting from the definition of Feminine Culture, proposed by Marilou Manzini Covre, this text aims to look at the situation of bolivian women in São Paulo. Using the Praça Kantuta as setting, we observed some of these women's lives and tried to understand how they utilize the Feminine Culture "tool" to achieve subjectivity and face daily oppression.

KEYWORDS: bolivian women, feminine culture, bolivian immigration in São Paulo.

RESÚMEN: A partir de la definición de la Cultura Femenina propuesta por Marilou Manzini Covre, este texto busca hacer vista a la situación de la mujer boliviana en San Paulo. Teniendo como escenario la Plaza Kantuta, hemos observado una parte de la vida de esas mujeres y así intentamos comprender cómo usan la cultura como una herramienta para la mujer alcanzar la subjetividad y la experiencia de vida cotidiana de opresión.

PALABRAS CLAVE: mujer boliviana, Cultura Femenina, inmigración boliviana en San Paulo.

¹ Artigo elaborado como trabalho de conclusão de curso para o IV Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos – CELACC – ECA - USP, sob orientação do Prof. Dr. Dennis de Oliveira.

² Bacharel e licenciada em Letras – Português pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH – USP.

1. INTRODUÇÃO: BOLÍVIA – BREVE HISTÓRICO

Um dos berços da civilização Inca, a Bolívia herdou de seus ancestrais, além da língua, uma vasta cultura. Com o período de descobrimentos no século XVI, teve o seu primeiro contato com os europeus, principalmente os espanhóis, que dominaram o processo de exploração da maioria dos países da América do Sul. Apesar do caráter dominatório das expedições espanholas, este período foi extremamente significativo ao país, que herdou mais uma língua e incorporou costumes, como a religião católica. No campo econômico, a Bolívia era um grande fornecedor de minério, que engordava a coroa espanhola.

Com a Independência, em 6 de agosto de 1825, o país ganhou o nome que tem hoje, oriundo do sobrenome de seu libertador, Simón Bolívar e passou por um período de conflitos com os territórios vizinhos, na maioria das vezes por questões de fronteiras, como no conflito com o Chile, onde o país perdeu a sua única saída para o Oceano Pacífico, ou com a disputa territorial com o Brasil e a perda do território do Acre.

Assim como o Brasil, a Bolívia passou por um período de ditadura militar entre os anos 60 e 80. Ainda baseado numa economia predominantemente mineradora, na década de 80 vê na crise do mercado de minério a sua bancarrota: a inflação cresce exorbitantemente e as exportações caem na mesma proporção, graças à má administração dos militares.

A partir do início da década de 80, a Bolívia volta às mãos de civis e vê o surgimento de um governo democrático. Esta fase se caracteriza por um esforço em colocar o país numa economia de mercado, com privatizações e entrada de capital estrangeiro. É a globalização entrando em território boliviano, após tentativas frustradas nos idos de 50-60.

O PIB da Bolívia é de 9.4 milhões de dólares e suas exportações somam 4,2 milhões, destes 6% vão para a Europa, 9% para a Ásia, 10% para a América do Norte, 64% para o Mercosul e 12% para o restante do mundo.

Este cenário, descrito de forma breve acima, que colaborou para o que a Bolívia é hoje: o país está na 111^a posição no IDH (dentre 179 países analisados, onde o Brasil ocupa a 70^a posição no ranking, que é liderado pela Islândia e tem na 179^a posição Serra Leoa) e 64% de seus habitantes vivem abaixo da linha da pobreza.³ Contribuição do Imperialismo e de uma globalização perversa, que se aproveita do território e de tudo que ele tem (recursos humanos e naturais), da forma que lhe for conveniente. Com a anuência do Estado, o povo é colocado num cenário de desigualdade, onde o dinheiro puro fala mais alto.

³ IDH – Índice de Desenvolvimento Humano. Dados da ONU - 2006

2. PERFIL DA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA EM SÃO PAULO

Em busca de melhores oportunidades, os imigrantes bolivianos chegam à São Paulo com a promessa de um trabalho, salário, casa, comida e a esperança de ganhar muito dinheiro e quem sabe voltar à sua Terra Natal. Em suas cidades, os trabalhadores são agenciados por compatriotas, que cobram por volta de US\$ 400 por pessoa, pela viagem e a garantia de emprego aqui no Brasil. A entrada do país é feita muitas vezes pela fronteira com o Paraguai, via Ciudad Del Este, onde a fiscalização é menor e a entrada dos ilegais é mais fácil.

Ao chegar a São Paulo eles se deparam com uma realidade bem diferente da prometida pelo agenciador: jornada de trabalho exaustiva, condições insalubres de moradia, pouca comida e a perda da liberdade. Intimidados pelo patrão, com ameaças de denúncia dos ilegais à Polícia Federal, os trabalhadores perdem sua liberdade. Além disso, muitos usineiros (dentre eles bolivianos também) confiscam os salários de seus funcionários, dizendo a eles que todo o dinheiro está sendo enviado à Bolívia para parentes.

Apesar de parecer um fato novo, a presença de bolivianos na cidade se dá desde a década de 1950, quando alguns imigrantes vieram na condição de estudantes, motivados pelo programa de intercâmbio cultural Brasil-Bolívia. Muitos deles, devido à grande oferta de empregos, resolveram fixar-se na cidade. O segundo ponto alto na imigração boliviana foi a partir da década de 1980, época em que o nosso país vizinho passava por uma grande crise, e apesar da situação brasileira também não ser das melhores, aqui se tinha melhores condições do que na Bolívia. O fluxo migratório se manteve na década de 1990.

O perfil do imigrante também não mudou muito de 1980 para cá: a maioria são jovens, solteiros, de ambos os sexos e com uma escolaridade média. Destes, a maioria é composta por pacenhos (vindos de La Paz) ou cochabambinos (Cochabamba) e são atraídos pela oferta de bons salários. Em São Paulo, os bolivianos se concentram em bairros mais centrais, como Bom Retiro, Brás, Pari, Barra Funda e Mooca. Nos últimos anos, detectou-se a presença deles em bairros da Zona Leste e cidades da região metropolitana de São Paulo.

Empregados por coreanos, bolivianos ou brasileiros, muitos deles dedicam-se ao ramo da costura, setor que não exige experiência e absorve pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. A forma de produção adotada por estas fábricas é baseada na capacidade máxima diária de seus operários, tornando a rotina de trabalho extremamente cansativa e cruel. As

peças produzidas são vendidas em lojas espalhadas pela cidade, muitas delas bem conhecidas pela população.

Estimativas do Ministério da Justiça apontam que há por volta de sessenta mil bolivianos irregulares no Estado de São Paulo (dados publicados no Jornal O Estado de São Paulo – 12/06/2006). Muitos não conhecem as leis vigentes do país e por isso não procuram a regularização de sua situação no país. Além disso, os valores como multa e outras taxas, que giram em torno de mil reais, dificultam mais a ainda a situação. Segundo o Estatuto do Estrangeiro, há duas formas de legalização: casamento com um cônjuge brasileiro ou o nascimento de um filho em território brasileiro. Muitas mulheres, com medo de serem deportadas e por não conhecer a lei, não registram seus filhos. A ilegalidade gera várias dificuldades, como o não acesso a serviços de saúde e educação. Isso aumenta precariedade da condição de vida destas pessoas.

O aumento do número de imigrantes bolivianos, seja pela manutenção do fluxo migratório ou pela constituição de novas famílias, fez surgir na cidade várias organizações criadas por bolivianos, como por exemplo, a Associação dos Residentes Bolivianos, o Círculo Boliviano, Associação Gastronômica Praça Kantuta e as Fraternidades Folclóricas. Estas têm o intuito de reunir a comunidade, disseminar e manter a cultura boliviana, defender e auxiliar os imigrantes. Temos ainda a Pastoral do Migrante, órgão da Igreja Católica que acolhe qualquer migrante, mas vem se destacando no auxílio ao povo boliviano em São Paulo.

Pensando no cenário descrito acima, o presente trabalho tem como objetivo direcionar o olhar para a mulher boliviana, quais são suas histórias, como vivem e principalmente, como lutam contra esta situação de exclusão.

3. PERCURSO TEÓRICO

Para guiar o nosso olhar em direção à mulher boliviana em São Paulo, utilizaremos como marco teórico a cultura do feminino, baseado no livro *No caminho de Hermes e Sherazade: cultura, subjetividade e cidadania*, de Marilou Manzini Covre.

Neste livro a autora relaciona a cidadania à outra forma de atuação: a cidadania em constituição. Nesta nova cidadania, é considerada que a sociedade sempre está em movimento, e que, para atuar, o cidadão deve descobrir sua subjetividade. Para alcançá-la, a autora aponta a cultura do feminino como um caminho, ou seja, esta seria um dos pilares da cidadania em constituição.

Para exemplificar, a autora nos mostra duas personagens que podem ter suas características ligadas à cultura do feminino: Hermes e Sherazade. A personagem feminina do livro *As mil e uma noites*, Sherazade, usa a palavra como arma contra o sultão, toda noite, através de suas histórias, consegue adiar a sua própria morte. Sua paciência a ajuda numa estratégia cíclica, faz com que ela cure o sultão através da palavra. Essa estratégia que trata de uma *pressa-vagarosa* é uma astúcia da personagem, para negociar com o sultão, demovê-lo de sua idéia. Já Hermes é uma personagem polivalente, que conhece tudo e transita por todos os mundos, com astúcia e inteligência prática. Como mensageiro, conhece todos os meandros dos caminhos e sempre tem uma estratégia para concluir suas missões. Estas características podem ainda ser desenhadas da seguinte forma:

“(...) cultura do feminino, e que tem referências pinceladas, lá e cá, a valores tais como: solidariedade, defesa da vida e da qualidade de vida, olhar antitrágico e criador, “astúcia”, pressa-vagarosa, paciência e persistência Sherazadeana, amizade, “agoridade”, movimento com rumo ético, indeterminismo, competência a favor dos necessitados (generosidade), altruísmo (amor), capacidade de lidar com o sombrio e luminoso da alma, no equilíbrio, sem cair no abismo, o brincar, o estetizar e o criar sentido da existência.” (COVRE, 1996: p. 07)

Os valores descritos acima são próprios da cultura do feminino, mas isso não quer dizer que sejam exclusivos das mulheres. A mulher os personificam, dada a sua característica de criadora e mantenedora, mas não raro vemos a cultura do feminino sendo exercida por homens. Um exemplo disso é Mahatma Gandhi. A essência destas características está no sentir.

3.1 “Pensar é não compreender” – Alberto Caeiro em *O guardador de rebanhos*

Como o heterônimo de Fernando Pessoa, com a sua máxima descrita acima, podemos refletir sobre a cultura do feminino: esta tem os olhos de sua percepção bem abertos, e isso se deve ao sentir. Sentir vários inconscientes – abolir qualquer preocupação com o “eu”, que se intitula sujeito. Este sujeito está em constituição, está em movimento e a identidade é composta para compor um *ethos* temporário, ou seja, o sujeito não é, ele está. Ao romper a identidade como algo fixo, aflora o inconsciente, que se recompõe num movimento que passa pelos sentimentos, se transformando em valores. É neste caminho que chegamos a uma nova forma de exercitar direitos e deveres, é por via do inconsciente trazido à tona, que nos descobrimos sujeitos, capazes de agir.

“E é essa grande vontade de viver, presente no sentir, que identifico com o avanço da pessoa, na coragem de navegar a própria alma numa “revolução”, através da qual se pode ver o novo, e agir de forma nova e inovadora, no mundo.” (COVRE, 1996: p. 30)

Para conseguir este sentir pleno, é necessário enfrentar o mundo, deixar a capa protetora da segurança. É preciso enfrentar o *Daisen* (Heidegger – o estar jogado no mundo), enfrentar a angústia de estar no mundo. Assim criamos uma identidade que nos traz segurança, seja o papel de mãe, esposa, profissional. Perceber que estes papéis são transitórios é vital para se atingir a subjetividade, mas é doído se despir deles. Muitas mulheres são mães, ou ocupam uma posição onde são responsáveis por alguém e isso talvez dificulte a busca por uma subjetividade, como afirma Melanie Klein, a figura da mãe é *“essencial no pêndulo de sanidade ou loucura daqueles que estão sob seu cuidado”* (COVRE, 1996: p. 31). Assim, levantamos a questão já colocada por COVRE (1996: p. 31): *“E pensando em nós mesmas, as mulheres, o quanto nos traímos e o quanto somos fiéis nesse processo todo?”*

Além da questão feminina, que já é determinante para a situação de subalternidade, há na mulher boliviana a identidade de imigrante, de estranha na sociedade. Isso é determinante para notarmos o mecanismo sutil de tolerância opressiva.

Conceito abordado por Darcy Ribeiro e utilizado por Dennis de Oliveira (OLIVEIRA, 2008) para elucidar a questão de opressão étnica, pode também se encaixar neste estudo. Segundo Oliveira, a tolerância opressiva é uma forma de convívio com o diferente, mas de uma forma falsamente harmoniosa, como uma estratégia de mostrar a superioridade, ou seja, tolera-se o diferente para poder oprimi-lo.

Para entender um pouco mais sobre opressão, utilizaremos alguns conceitos de Paulo Freire, que elucida a relação entre opressor e oprimido. Segundo o autor, a opressão tem uma estrutura global, reforçada pela internacionalização do capitalismo onde ser é ter. Neste processo o opressor trata o oprimido como um objeto, e assim vai anulando o oprimido. Em sua experiência com o povo camponês, Freire cunha o termo *Cultura do Silêncio*, processo onde o oprimido internaliza a sua passividade, pois aos dominados é negado o direito de conquistar a sua palavra, ou seja, nega-lhe o direito de ser. O silêncio também pode ser tomado como uma resposta ao opressor e também um mecanismo de defesa. Equivalente à *Cultura do Silêncio*, Freire também utiliza o conceito de mutismo:

“As sociedades a que se nega o diálogo – comunicação – e, em seu lugar, se lhes oferecem “comunicados”, resultantes de compulsão ou “doação”, se fazem

preponderantemente “mudas”. O mutismo não é propriamente a ausência de respostas. É a resposta a que falta teor marcadamente crítico. ” (Freire, 1971: p. 69)

O mosaico teórico montado acima será importante para visualizar a realidade da mulher boliviana e entender suas reações e duas estratégias em seu cotidiano.

4. TRABALHO DE CAMPO

Para tentar entender a mulher boliviana que vive em São Paulo, optamos por desenvolver um trabalho de campo, baseado na pesquisa participante. Vivenciar a festa boliviana, seus sabores, seus sons, seus cheiros seria importante para compreender esta mulher e o significado do espaço da Praça Kantuta para ela.

O primeiro passo para a pesquisa foi uma ampla consulta pela Internet, para obter maiores informações sobre a Feira e comunidade boliviana em São Paulo. Nesta pesquisa descobrimos o telefone do senhor Carlos Danilo Soto Gómez Garcia, presidente Associação Gastronômica Cultural Folclórica Boliviana “Padre Bento”, responsável pela organização da Feira. Por telefone tivemos uma longa conversa e marcamos de nos encontrar num domingo.

Antes de conversar pessoalmente com Don Carlos, resolvemos fazer uma visita à Feira, apenas para observar. Havia a presença de muitas famílias bolivianas, entre elas algumas formadas por jovens casais com filhos pequenos. As barracas de comida típica eram visitadas por bolivianos e também por pessoas que pareciam ser brasileiras. Muitas mulheres estavam em grupos, separadas dos homens.

Na visita do dia 02 de agosto de 2009, foi comemorado a Independência da Bolívia. Observamos um grande número de homens e mulheres com trajes típicos circulando pela Feira. Conversamos com Don Carlos, que nos contou um pouco de sua história e relatou os problemas enfrentados pelas bolivianas, principalmente no que diz respeito aos cuidados básicos de saúde. Nesta ocasião, ao visitar uma barraca de bijouterias, encontramos duas *cholitas* (mulheres em trajes típicos), que por intermédio de Don Carlos, aceitaram conversar conosco.

Notamos nesta abordagem o quão difícil seria a conversa com as mulheres bolivianas. Extremamente tímidas e ressabiadas, tinham respostas pontuais, em poucas palavras. Do outro lado, havia um certo receio em fazer certas perguntas, já que poderíamos quebrar o pequeno

vínculo de confiança feito até o momento, pela presença de Don Carlos. Assim, pedimos permissão para registrar o encontro com uma foto.

Em outra visita feita no dia 16 de agosto de 2009 conseguimos nos aproximar de Olga, proprietária de uma barraca de itens alimentícios importados da Bolívia. Da mesma forma que as cholitas, Olga nos respondeu de forma pontual, com receio, mas ao longo de nossa breve conversa pudemos notar alguma descontração. O encontro também foi registrado por foto.

Adotamos, como forma de registro, um diário de campo, com anotações sobre o observado nas visitas. As conversas também foram anotadas neste diário.

Acreditamos que o tempo não foi suficiente e talvez a estratégia não foi a mais adequada para formar um vínculo com as mulheres da Feira. Ultrapassar a barreira de segurança imposta por elas foi mais difícil do que julgamos. Algo completamente compreensível, devido à situação destas migrantes.

5. A MULHER BOLIVIANA E A CULTURA DO FEMININO

Ao analisar os encontros que tivemos com estas mulheres, a primeira vista há a impressão de um bate-papo corriqueiro. Apesar da situação, elas nos deram pistas sobre sua vida e suas histórias.

Nas conversas com algumas mulheres bolivianas que freqüentam a Feira, notamos características da cultura do feminino, como apontado por Covre. Tivemos a oportunidade de conversar com três mulheres e todas elas estavam acompanhadas por outra mulher e demonstravam cumplicidade umas com as outras, além de uma relação de respeitosa hierarquia. Ao falar com Genoveva e Rosa, duas jovens que estavam caracterizadas de cholitas, notamos que apenas Rosa falava, mesmo se a pergunta fosse direcionada à Genoveva, que apenas concordava com a cabeça. Rosa parecia responsável por Genoveva, como se quisesse protegê-la de algo. A segurança desta se dava pelo laço de afetividade, pela amizade de Rosa, que era mais velha e morava a mais tempo em São Paulo. O mesmo aconteceu em nossa conversa com Olga, dona de uma barraca na Feira: ao que pedimos licença para conversar com ela, antes de qualquer palavra Olga olhou para uma moça que estava com na barraca e após de um olhar mútuo de consentimento disse que poderia conversar conosco. Em toda conversa, a outra moça ficava nos espiando, como se quisesse saber se estava tudo bem com Olga.

Neste pequeno episódio, onde as nossas interlocutoras foram surpreendidas e mostraram certo receio e timidez, notamos uma estratégia de segurança: falar o menos possível. Para algumas pessoas, a palavra tem o mesmo valor de um documento, de um contrato, e naquela situação, na presença de estranhos, não poderiam se comprometer e escolheram com cuidado as palavras a serem proferidas e as respostas que seriam dadas.

Este ato de calar-se pode ser definido com produto da opressão vivida por estas mulheres. Como afirma Paulo Freire, o silêncio não é a falta de resposta, mas a falta de um argumento crítico, de confiança e cumplicidade com o interlocutor. O silêncio é proteção e também a forma de expressão da passividade que estas mulheres já estão acostumadas, pois a elas foi negado o direito de ser. Em seus outros papéis na sociedade, são meros objetos, funcionárias de uma oficina de costura, com a função de produzir.

Apesar de todo o receio, quando perguntamos a Rosa e Genoveva sobre os trajes típicos que vestiam e se poderíamos fotografá-las, percebemos que certa resistência foi quebrada. Vaidosamente arrumaram-se para a foto e animaram-se ao falar sobre seus trajes, sua dança, seus acessórios, dando espaço para brincadeiras e sorrisos. Do mesmo modo que o alferes do conto *O Espelho*, de Machado de Assis, citado por Covre, no momento em que estas mulheres se enxergam nestas roupas, numa identidade definida, se sentem seguras. Neste momento vislumbramos uma identidade destas meninas, que é parte de sua subjetividade. Soma-se a ela outras como a de mãe, filha, funcionária da oficina de costura e outras. Mas quando elas assumem o papel de cholitas, quando dançam e brincam, resgatam o sentir, a criatividade. Como dito por Covre: *“esse exercício pode ajudar, com certa Leveza Calviniana, a navegar a dor e alegria dos rumos novos e inovadores, dentro da alma e no mundo fora...”* (COVRE, 1996: p. 32).

Outra mulher com quem conversamos, Olga, também afirmou dançar com trajes típicos e ao ser perguntada o porquê, disse-nos que dançando se sentia mais bonita e muito mais feliz. A dança, como a arte, é um suporte para uma revolução da subjetividade – *“um instrumento para alcançar o profundo de si mesmo e buscar ali o poder, a coragem para vestir o novo e, nisso, perceber que há tantos caminhos para trilhar”* (COVRE, 1996: p. 22 e 23). É através de atividades lúdicas e culturais que estas mulheres se mantêm com sua capacidade de sentir, vivas, prontas para suas batalhas cotidianas.

Apesar de a Praça Kantuta ser um espaço dedicado aos bolivianos e que num primeiro olhar seria um local de liberdade para eles, em nossas visitas notamos uma estratégia de

opressão, revestida no mecanismo de tolerância opressiva. Neste caso, a opressão é feita sutilmente, já que a sociedade paulista convive com o diferente (neste caso, a comunidade boliviana) de forma aparentemente harmoniosa: a prefeitura cede um espaço aos bolivianos e permite os festejos. Uma pequena observação feita é que a comunidade boliviana fazia seus festejos em outro local do bairro do Pari e foi deslocada (diga-se expulsa) pelos moradores para um outro local do bairro, cercado de fábricas e galpões e ali se estabeleceu a Praça Kantuta. Essa falsa harmonia, demonstrada pelo deslocamento da festa, é uma estratégia de opressão, onde a aceitação do outro é feita de forma vertical, onde denota-se uma subordinação do diferente ao dominante. Ao conceder a benesse, o dominante passa a impressão de aceitação, mas na verdade isso é uma tolerância opressiva.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade machista, a mulher assume um papel de subalternidade. Sua importância na maioria das vezes é reconhecida apenas no espaço doméstico, sendo silenciada na esfera pública. Para a mulher boliviana o cenário de opressão é agravado, já que ela também assume o papel de imigrante, uma estranha na sociedade.

Nas visitas à Praça Kantuta, vivenciamos uma parte da vida destas mulheres e percebemos a importância da cultura para a manutenção da pulsão de vida. E é esta pulsão que as mantém vivas, fortalece para a batalha do cotidiano. Através da dança, do resgate e manutenção de suas tradições, elas encontram uma identidade, e emerge uma parte de sua subjetividade. Deixam de ser objetos para serem sujeitos da ação.

As estratégias ligadas à cultura do feminino, como a amizade, a solidariedade, a preservação da vida e de sua qualidade, são o que mantém a comunidade boliviana unida e não necessariamente podem partir de uma mulher. Ao entrevistar Don Carlos, percebemos estes desejos, esta vontade de cuidar de sua comunidade, de mantê-la. A cultura do feminino vai além do gênero.

Através da cultura e da reflexão esta comunidade poderá libertar-se da opressão. E a mulher, como suas características será peça chave neste processo. Pode demorar, mas a estratégia Sherazadeana já se mostrou eficiente.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COVRE, Marilou Manzini. *No caminho de Hermes e Sherazade: cultura, cidadania e subjetividade*. Editora Vogal. Taubaté: 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1971

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 2005

GERALDI, João Wanderley. *A linguagem em Paulo Freire*. IN: Educação, Sociedade e Culturas, nº 23, 2005, 7-20.

OLIVEIRA, Dennis. *Mídia, Cultura e Mecanismos de Opressão Étnica e Tolerância Opressiva*. IN: PRUDENTE, Celso Luiz (org.). *Cinema Negro – Algumas contribuições reflexivas para a compreensão da questão do afro-descendente na dinâmica sócio-cultural da imagem*. Editora Fiúza. São Paulo: 2008.

Sites:

BRENNAND, Edna Gusmão de Góes. *Buscando em Paulo Freire as concepções de indivíduo e mundo*. IN:

http://www.paulofreire.ufpb.br/paulofreire/Files/revista/Buscando_em_Paulo_Freire_as_concecoes_de_individuo_e_mundo.pdf – Consultado em 28/08/2009

SILVA, Sidney Antônio da. *Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade*. Estudos Avançados vol. 20 nº. 57. São Paulo, Maio/Agosto de 2006. Consultado em 03/04/2009 no site da Scielo http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142006000200012&script=sci_arttext

Informe Nacional sobre Desarrollo Humano 2007 – PNUD Bolívia. Consultado em www.pnud.bo

Ranking do IDH. Notícia de 18/12/2008. Consultado em 03/04/2009 http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3120&lay=pde

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u95537.shtml>

<http://www.reporterbrasil.com.br/exibe.php?id=668>